

AGB-Niterói: notas de un comienzo de historia

AGB-Niterói: notes of a history beginning

Charles da França ANTUNES²

Professor Assistente do Departamento de Geografia da FFP/UERJ
charles@uerj.br

Este texto é uma homenagem a professora **Sheila Bittencourt Salek Spada**, força presente na criação da AGB-Niterói; mãos estendidas para os estudantes do curso de geografia da Universidade Federal Fluminense, nos bons momentos dos debates acerca das mudanças na Geografia e nos piores momentos do autoritarismo dos governos militares; presidente da DEN da AGB no período 1982-1984.

Para **Fernando Cavalcante, Jorge Adalberto Aziz, Milton Costa de Souza, Miguel Scarcello e Josinaldo dos Santos, estudantes** que tiveram a coragem e o orgulho de integrar a primeira diretoria da Seção Niterói da AGB. E a todos aqueles estudantes e professores que, em 28 de junho de 1981, compareceram a Primeira Assembléia Geral Ordinária da Seção Local Niterói onde foi realizada essa eleição.

Resumo: A história de uma instituição que é ao mesmo tempo cultural, científica e profissional, como a AGB, deve levar em consideração alguns elementos que são essenciais. Em princípio, ela é feita por pessoas, umas fartamente nomeadas e outras absolutamente anônimas que juntas, no caldo do cotidiano institucional dão, àquilo que produzem, um sabor coletivo. Por tudo isso, a história da AGB Seção-Niterói pode confundir-se com muitas outras histórias contadas a partir das transformações ocorridas na sociedade e na geografia brasileira nos últimos decênios. Porém algumas, e importantes, diferenças parecem marcar a singular história dessa seção. Uma dessas diferenças distintivas está no fato de ter sido, a seção Niterói, a primeira dentre as seções no Brasil, a ter uma Diretoria formada por estudantes, resultado da equação formada pelas mudanças ocorridas na AGB e na Geografia brasileira a partir de 1978, com a ação do Movimento Estudantil. A AGB-Niterói nasce como filha legítima da ação, e principalmente, do movimento que alguns estudantes da Universidade Federal Fluminense (UFF) fazem a partir dos acontecimentos de 1978 e 1979. No dia 28 de junho de 1981, depois de quase dois anos de articulações, debates e atividades, a Comissão Pró-Seção Local deu lugar a AGB-Seção Local Niterói.

Palavras-chave: AGB-Niterói – Renovação da Geografia – Estudantes – Autogestão – Construção Coletiva.

Terra Livre	São Paulo	Ano 20, v.1, n. 22	p. 177-188	Jan-Jul/2004
-------------	-----------	--------------------	------------	--------------

¹ Este artigo é resultado da produção coletiva de associados que fizeram a história da Seção Niterói integrando as Diretorias eleitas ao longo desses quase 23 anos de existência.

² Tendo sido da Diretoria da AGB-Niterói em várias oportunidades, foi responsável pela sistematização das informações e a redação final deste artigo.

Abstract: The history of an institution which is cultural, scientific and professional such as AGB, must consider some essential elements. Firstly, it's made by the association of different people, named and anonymous ones. Those people working together made an history. Because of it AGB's history may seem to be similar to the changes which have been occurring in the society and in the geography during the last decades. However, some facts in AGB's Niterói history are important to make the difference in the history of the section itself. One of this distinctive characteristics is the fact that it was the first section to have students taking part in the directory, a result of the changes in AGB and Brazilian geography in the period after 1978, and the action of the students' movements and its organizations. AGB Niterói was born from the movements started by some students in the Federal University, after 1978 and 1979. In 28, June of 1981, after two years of articulations, debates and activities, the AGB Niterói's Section took the place of the Commission pro-section.

Keywords: AGB-Niterói – students – collective construction – renovations in the geography – self-government

A fundação da AGB-Niterói

A história de uma instituição que é ao mesmo tempo cultural, científica e profissional, como a AGB, deve levar em consideração alguns elementos que são essenciais. Em princípio, ela é feita por pessoas, umas fartamente nomeadas e outras absolutamente anônimas que juntas, no caldo do cotidiano institucional dão, àquilo que produzem, um sabor coletivo. Esse sabor coletivo é passível de ser apreciado por intermédio de documentos datados – escritos, fotografias, cartazes, sons – e de versões orais que a memória de indivíduos e grupos é capaz de documentar. Depois as relações se dão mediante rituais, com suas exigências materiais e produções simbólicas, que criam a mesma arena onde se troca o abraço fraterno e esgrima-se argumentos nem sempre fraternais. E, por fim, há sementes que são espalhadas pelos periódicos e textos avulsos, em maior ou menor escala, sendo mais ou menos eficientes e que são responsáveis por propagandear as idéias hegemônicas em dada conjuntura, além de certas matrizes teóricas e científicas. Tudo isso, claro, no interior de um contexto histórico mais amplo que o de uma instituição, comunidade profissional e mesmo, Estado nacional.

Por tudo isso, a história da AGB Seção-Niterói pode confundir-se com muitas outras histórias contadas a partir das transformações ocorridas na sociedade e na geografia brasileira nos últimos decênios. Porém algumas, e importantes, diferenças parecem marcar a singular história dessa seção. Uma dessas diferenças distintivas está no fato de ter sido, a seção Niterói, a primeira dentre as seções no Brasil, a ter uma Diretoria formada por estudantes. Resultado da equação formada pelas mudanças ocorridas na AGB e na Geografia brasileira a partir de 1978, com a ação do Movimento Estudantil.

O ano de 1978 na verdade existiu como o encontro desses processos que vinham se desenvolvendo, e a partir do qual, pode-se dizer que se construiu um movimento com algum nível de articulação.

O que nos faz lembrar Alfredo Bosi quando ensina que datas são pontas de icebergs, que servem apenas para nos fazer sobreviver a um possível naufrágio. Como uma série de números dispostos em uma certa ordem, as datas servem menos para fechar possibilidade do que para abri-las e colocá-las sob a chama de uma profunda iluminação histórica:

“Mas de onde vêm a força e a resistência dessas combinações de algarismos? 1492, 1792, 1822, 1922 ... Vêm daquelas massas ocultas de que as datas são índices. Vêm da relação inextricável entre o acontecimento, que elas fixam com a sua simplicidade aritmética, e a polifonia do tempo social, do tempo cultural, do tempo corporal, que pulsa sob a linha de superfície dos eventos.” (Bosi, 1992, p.19)

Por isso entre datas, muitas, 1978 talvez seja uma daquelas que mais marcaram e marcam a Geografia brasileira das últimas décadas. Entretanto, esse conjunto de algarismos, coincidentemente, gira em torno de outros acontecimentos importantíssimos para a história recente da ciência geográfica no Brasil. Mas se 1978 aparece como uma grande data, a discussão já vinha sendo feita: as grandes rupturas se preparam. Aqui e ali, geógrafos descontentes, sobretudo os mais jovens, mas também os menos jovens, se reuniam para falar dos novos rumos. A aglutinação, em nível nacional, foi possível graças exatamente aos encontros e publicações promovidas pela AGB e pelo Movimento Estudantil.

O episódio do III Encontro Nacional de Geógrafos, em 1978, em Fortaleza, vem expressar na verdade um processo que já vinha tomando corpo na sociedade brasileira, que a bem da verdade nunca a abandonou – a busca pela garantia dos direitos democráticos. Lembremos que à época ainda vivíamos sob repressão imposta pelo que podemos chamar de ditadura das elites sob controle dos militares. O III ENG foi rigorosamente um encontro. Não apenas no sentido formal dos profissionais de Geografia, mas um encontro de experiências que vinham se desenvolvendo em todo o Brasil, em diferentes lugares, por diferentes pessoas, dentro de uma perspectiva crítica. Um encontro que acontece num momento onde a sociedade brasileira passava por grandes transformações, com o reaparecimento de importantes agentes sociais, como o movimento operário e o movimento estudantil. Este evento, que no fundo tornou-se um clássico divisor de águas, refletiu os processos relacionados às insatisfações e preocupações, que já resplandeciam tenuamente sobre os rumos dessa ciência no país.

“Podemos dizer que a AGB-Niterói, surge como filho legítimo desse processo, dessa dinâmica que tenderá a se manter como baluarte na defesa do aperfeiçoamento da democracia, que na nossa opinião, passa pela gestão coletiva da entidade, assim como da discussão permanente de nossa organização para aprofundarmos nossas conquistas”. (Plataforma da AGB-Niterói, 1981,p.1)

Este é, então, o cenário que está montado e que influenciou e motivou a formação da AGB-Niterói. Assim começa a história dessa seção local.

“A AGB de Niterói surge hoje, burocraticamente, porque, de fato, ela já existe desde o 3º Encontro Nacional de Geógrafos em Fortaleza. Lá se deu o início da democratização da AGB e a comunidade de Niterói estava presente e inserida no processo reivindicatório de democracia na AGB. Vitorioso processo, que deu origem a Assembléia Extraordinária (SP), que transformou o nosso estatuto, abrindo caminho de modificações maiores. Este processo se concretiza no Rio (IV ENG) 1980, onde a comunidade geográfica de Niterói esteve presente, ajudando o “todo geográfico” a se manter fiel aos princípios que guiaram nossas práticas em Fortaleza e São Paulo”. (Plataforma da AGB-Niterói, 1981,p.1)

A AGB-Niterói nasce da ação, e principalmente, do movimento que alguns estudantes da Universidade Federal Fluminense (UFF) fazem a partir dos acontecimentos de 1978 e 1979. Podemos dizer que a história começa antes, como também começa antes a história de um sem número de entidades, sindicatos, associações. Os tênues ventos da abertura política que, de certa maneira, começa a se fazer sentir em 1978, revigoraram mais um pouco os movimentos sociais que já vinham numa ascendência em termos de fortalecimento e defesa de bandeiras de lutas importantes. Visto que esse ano simboliza um momento em que a sociedade civil brasileira passa a conviver, de forma um pouco mais intensa, com uma série de movimentos sociais representativos de vários setores que ganharam as ruas, forçando o alargamento do processo de redemocratização, como muito claramente aparecem nas palavras de Eder Sader:

“quando os novos personagens entraram em cena, vimos o início de uma sociabilidade fundada na solidariedade de classe e pela qual as chamadas classes populares passaram a fazer parte da cena histórica, não como atores desempenhando papéis pré-fixados, mas como sujeitos criando a própria cena através de sua própria ação e, com isso, “constituíram um espaço público além do sistema de representação política” permitida, ou seja, o espaço da participação cívica e trabalhista”. (Sader,1988,p.15)

Dessa forma, esses novos personagens que entram em contato com os acontecimentos de 1978 e 1979 criam a Comissão Pró-AGB Local Niterói. Com a experiência dos estudantes que participaram mais diretamente do movimento estudantil e a influência de suas filiações políticas, a Comissão passa a respirar imediatamente os “novos ares” da geografia brasileira e assim organizar atividades e discussões acerca dos assuntos que há muito incomodavam os estudantes e profissionais de Geografia. Um exemplo disso é a realização, em abril de 1980, no Auditório do SENAC-Niterói, do Seminário de Metodologia e Técnicas de Pesquisa, que contou

com a participação de importantes geógrafos, de gerações diversas e de distintas intervenções no processo de renovação da Geografia brasileira da AGB - Milton Santos, Ruy Moreira, Carlos Walter Porto Gonçalves, Roberto Lobato Corrêa, Lysia Bernardes, entre outros. O Seminário contou ainda com a participação de vários profissionais de outras áreas do conhecimento, muitos dos quais com trajetória política e acadêmica muito próxima daqueles que estiveram à frente dos acontecimentos pós-1978.

Outra importante atividade realizada por esta Comissão Pró-Seção Local, e que vai marcar profundamente a atuação da futura seção local desde seu nascimento até os dias de hoje, foi o Curso de Capacitação para Professores no Município de Nova Friburgo, realizado em 1980. Este foi apenas o primeiro, dentre tantos eventos (cursos, palestras, encontros) para professores realizados pela Seção Niterói ao longo de sua história.

A relação com os professores foi desde o início um dos pilares da atuação da Seção Niterói.

"PROFESSORES DE GEOGRAFIA! UNAMO-NOS!"

"Nos termos atuais que se encontra a geografia enquanto área do saber científico, podemos dizer que nos cabe uma responsabilidade muito grande.

As rápidas transformações do mundo neste último quartel do séc. XX faz com que o geógrafo tenha que estar sempre atento para não ser ultrapassado pela realidade dos fatos. Para isso o intercâmbio de informações e a realização do encontro periódico se fazem premente para nos mantermos em dia e mais que isso, termos claro as projeções dos quadros atuais para balizarmos nossas ações.

Para isso é extremamente importante que comece logo a mobilização dos trabalhadores em ensino de geografia de nível médio, pois aí se concentra o "grosso" do mercado de trabalho do profissional de geografia. E ao nosso ver são estes os profissionais mais carentes de uma discussão permanente da geografia, visto que no ensino de geografia de 3º grau o interesse por esse assunto, em Niterói, só existe em poucos colegas. Para essa discussão temos como temas de fundo: bibliografias (atual e alternativas), barrar os Estudos Sociais. Achamos também que o ensino da Geografia hoje tem uma importância fundamental, principalmente pela perspectiva crítica é inerente a geografia, que, por conseguinte, leva a transformação real da sociedade através da crítica das transformações espaciais que nos envolve. Para esse objetivo de libertação, o professor de geografia há de estar aparelhado para levar a cabo sua ação. E para isso temos que abrir espaços para nosso maior debate: aperfeiçoamento."(Plataforma da AGB-Niterói, 1981,p.4)

A construção e a consolidação desses pilares foi e é resultado de uma relação que se faz no cotidiano da Seção e de seus associados. No início foi a luta contra o famigerado Estudos Sociais, depois vieram os Ginásios Públicos³, a tentativa de substituição de professores por monitores⁴, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a redução de carga horária. Debates acerca do caráter teórico-epistemológico da ciência geográfica, tornados possíveis nos cursos, palestras e demais eventos organizados pela Seção, também foram força presente nessa construção. Ao longo do tempo, esses e outros desafios foram amalgamando a relação da Seção Niterói com os professores.

A palavra de ordem era a PARTICIPAÇÃO, a forma de organização desejada era a AUTOGESTÃO, o que podemos constatar nas conversas com os estudantes da época (hoje profissionais de Geografia atuando em diversos segmentos) e em importantes documentos produzidos, tanto pela Comissão Pró-Seção Local, como pelas Diretorias que se seguem à criação da Seção Niterói.

³ Proposta criada, em 1994, pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro que reduzia drasticamente a carga horária de Geografia nos Ensinos Fundamental e Médio.

⁴ Proposta anunciada pela Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro em 1993. Tendo sido repudiada, não foi levada adiante.

“Nossa chapa ao ser formada, teve a preocupação de somar todos que compareceram a última Assembléia para aprovação do Estatuto. Nada mais auto-gestionário do que juntar todos os interessados numa única chapa para consolidar a AGB-Niterói.

Sem a preocupação com o poder, mas interessados em abrir espaços institucionais para nossas aspirações, lutas e reivindicações. Tendo como lema a Solidariedade profissional e a fraternidade humana, esperamos conseguir espaços valiosos, para a participação de companheiros que estão afastados, como para o estudante carente de informações. Nosso propósito estratégico, é lógico, é a tal sociedade mais justa, que segundo o credo religioso ou ideológico, toma múltiplos nomes: Socialismo, Comunismo, Anarquismo e outras formas arquépticas que se criaram para resolver problemas do início do século. Acontece, porém, que neste final de século, não temos fórmulas prontas, e erra aquele que acha que tem. Sabemos que solidariedade, fraternidade, paciência e carinho vão ser úteis para nós neste apagar das luzes de neón do século XX. O que vai transformar o mundo está vindo, está por vir, e já veio; pode ser inclusive a sua idéia que junto colocaremos em prática, uma horta comunitária, um biodigestor, uma árvore, um índio vivo, um trabalhador sem fome, pode ser um monte de coisas. Filie-se à AGB-Niterói e vamos aprender juntos”. (Plataforma da AGB-Niterói, 1981,p.4)

Os caminhos da AGB-Niterói e dos estudantes e professores do Ensino Fundamental e Médio, são entrelaçados. Esses novos sócios que viam na *Geografia Crítica* alguma forma de instrumentalização, uma certa base teórica para poder fazer a sua militância política, não mais concebiam uma Geografia descolada da análise da realidade. Segundo Armando Corrêa da Silva (1983,p.134) “a Geografia não **[tinha]** por que continuar a ser um “pequeno mundo” no qual vivem apenas professores, geógrafos profissionais e estudantes, olhando circunspectos e orgulhosos do seu próprio umbigo.” É possível até afirmar, com algum risco, que sem o Movimento Estudantil de Geografia e os professores, a história da AGB-Niterói, teria sido outra, como outra foi a AGB pós-1978.

A necessidade de democratização da AGB e, conseqüentemente, da reformulação de seus estatutos que previam uma participação diferenciada do quadro de possíveis associados – aqueles que de alguma forma tinham um envolvimento com a Geografia, profissionais ou estudantes marcou-se por importante episódio da vida dos estudantes de Geografia e, por razão direta, de sua participação como associado e, principalmente, como direção da entidade. Isso porque até 1978, o estatuto da AGB não permitia a filiação de estudantes, sendo conduzida, basicamente, por professores universitários, com pouca participação dos professores do ensino de 1º e 2º graus.

Nessa direção, os estudantes começaram, junto a outros profissionais descontentes com os rumos da Geografia, a tomar posições estratégicas que ampliassem os locais de atuação. Dentro dessa conjuntura é que vamos identificar a ocorrência de acontecimentos e sujeitos históricos que se tornaram os impulsionadores e, em parte, responsáveis pelas metamorfoses que se iniciaram no interior dos discursos dessa ciência, no final dos anos 70 e início dos 80.

A teia foi urdindo, estudantes e professores; Movimento Estudantil e AGB, e a Seção Niterói foi sendo gestada, como podemos perceber, entre os discursos presentes nos documentos da Comissão Pró-AGB-Niterói.

“Formalmente ela surge na hora certa, no momento em que começa a dar mostra do saldo organizativo das discussões travadas. Exemplo disso é a reativação do CEG e a renovação do D.A. A AGB Niterói é a necessidade de nos organizarmos permanentemente, de estudante à profissional, não só aqui como em todo o Brasil e , mesmo, no mundo. Todas as reuniões que tivemos atestavam essa necessidade”.

(...)

“Se perguntarem pela seção local Niterói da AGB, diga que está indo muito bem obrigado. Porque? Formalmente o grupo pró-AGB Niterói só realizou 3 reuniões. Mas entendemos que desde 1978, por ocasião do 3º ENG, em Fortaleza, e posteriormente a repercussão em Niterói com a 13ª Semana de Geografia do CEG, instalou-se, particularmente na UFF, uma discussão permanente da ciência em sua parte geográfica”. (Boletim Informativo nº 0 – Pró-AGB/Seção Niterói ,1980,p.1)

O engajamento dos estudantes e professores na AGB adquire uma conotação criadora. Converte-os num dos agentes da *práxis* que intenta dinamizar o sistema através da implantação de uma nova ordem social que supere, em definitivo, o *status quo*.

Em 1981, depois de quase dois anos de articulações, debates e atividades, e após solicitação feita à Diretoria Executiva Nacional, a Comissão Pró-Seção Local deu lugar a AGB-Seção Local Niterói. Em Assembléia realizada no dia 28/06/1981, na sede da Associação dos Engenheiros Agrônomos do Rio de Janeiro, deu-se a eleição da primeira Diretoria da Seção Local Niterói, com a seguinte composição: Diretor, *Fernando Cavalcante*; Vice-Diretor, *Jorge Adalberto Aziz*; Primeira-Secretária, *Sheila Bittencourt Salek Spada*; Segundo Secretário, *Milton Costa de Souza*; Primeiro-Tesoureiro, *Miguel Scarcello* e Segundo-Tesoureiro, *Josinaldo dos Santos*.

Após a criação da Seção, o passo seguinte foi o de sua legalização, ato executado pela então segunda Diretoria, que havia sido eleita durante a realização da 3ª Assembléia Geral Ordinária, realizada em 18 de setembro de 1982, com a seguinte composição: Diretor, *Cláudio Barbosa da Costa*; Vice-Diretor, *Miguel Scarcello*; Primeira-Secretária, *Rosana Mendes Ferreira*; Segundo Secretário, *Marcos Antônio Teixeira Ramos*; Primeiro-Tesoureiro, *Darly A. Monteiro* e Segundo-Tesoureiro, *Nelson Xavier*. Em 26 de outubro de 1982, foi publicado no Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, o registro da Seção Local Niterói, conjuntamente com seu Regimento Interno.

Desde então, a Seção Niterói tem conseguido realizar a cada dois anos seu processo sucessório, estando nesse momento (biênio 2002-2004) na gestão da 12ª diretoria eleita.

Vale ressaltar que, na composição das 12 diretorias eleitas até então, os estudantes, que marcaram a história da AGB, não somente em Niterói como em todo o Brasil, estiveram presentes em todas as diretorias eleitas, sendo que na maioria dos casos, eram os principais articuladores da Seção.

A produção acadêmica da/na AGB-Niterói

A identidade, portanto, de um dado movimento de área, tem como âncora a disciplina que lhe dá suporte. Logo, o fortalecimento da AGB depende da renovação e fortalecimento da própria ciência, particularmente, de suas bases epistemológicas, e socialmente depende do robustecimento da comunidade de geógrafos e da consolidação das instituições que lhe fazem ser o que é. A crítica dos fundamentos epistemológicos é outro passo fundamental, porquanto a simples proclamação não torna a Geografia uma "práxis" social transformadora, ou um instrumento dessa "práxis", se os termos são assim mais corretos. Desenvolvê-la implica responder no plano teórico às três questões gerais, postas pela epistemologia às ciências: a Geografia, "o que é", "para que serve" e "para quem serve".

Não se pode fazer movimento em Geografia se não se faz ciência geográfica. Esta é a condição *sine qua non* para a existência desse movimento, conhecer e produzir, profundamente, a ciência mesma que lhe faz historicamente ser. Não há movimento de Geografia sem produção geográfica. E, se é preciso produzir ciência, não como estudantes e profissionais isolados, mas por dentro do movimento da AGB, então é necessário que a estrutura organizativa interna do movimento permita essa produção. Essa produção que aparece na organização dos ENG's, nos trabalhos apresentados nos Encontros da AGB, nas publicações (revistas, boletins, etc), e mais subjetivamente nas discussões travadas nos diversos fóruns da Geografia brasileira, permite, em suma, organizar a AGB e seus associados, com vistas a fazer uso da ciência geográfica em torno das ações que tenham como fundamento a ciência.

Nesse sentido, através das produções, das revistas publicadas, dos congressos e cursos organizados é possível compreender em que medida e de que maneiras, a AGB-Niterói contribuiu para a consolidação do campo epistemológico da Geografia Crítica no Brasil.

Publicando a Renovação

A primeira publicação de fôlego da AGB-Niterói foi o *Caderno de Textos*, lançado em julho de 1982, que tinha inspiração em publicação semelhante organizada pelos estudantes da UFF através do Centro de Estudos Geográficos (CEG).

A apresentação do *Caderno de Textos* é bastante esclarecedora dos objetivos e dos

projetos que esta publicação carregava em sua realização e existência - a necessidade de se constituir um espaço editorial que pudesse dar vazão às produções no campo da Geografia, mais articuladas com as necessidades de um saber crítico e socialmente envolvido com as emergentes transformações da sociedade brasileira e da própria Geografia.

"Este é o primeiro esforço da jovem AGB-Niterói no campo editorial. O nº 1 do Caderno de Textos AGB-Niterói pretende iniciar uma série que tem como objetivo fornecer subsídios para uma permanente discussão a respeito do saber geográfico".

A preocupação com a discussão permanente sobre o saber geográfico não é nova em Niterói. O presente Caderno tenta suprir, sobretudo, a necessidade atual de estímulo e subsídios.

Na atual crise geral da sociedade industrial, o saber geográfico surge como estratégico para o entendimento desta desordem social que grupos humanos impõem ao resto da natureza. Por manipular escalas diferentes e considerar sempre a noção do planeta, a Geografia, mais do que explicar a crise e esmiúça-la pela crítica, há de ter propostas concretas para uma sociedade mais justa. Caso contrário, não seríamos especialistas em espaço, além de aumentar o ceticismo para com possíveis transformações.

É, pois, momento do geógrafo, enquanto estrategista do espaço, "saber pensar o espaço, para nele saber se organizar e nele combater" (Y. Lacoste) e para nele ajudar a espacialização da futura sociedade que virá.

A omissão do geógrafo para com esta problemática será, sem dúvida, o sepultamento de um saber supérfluo, sem sentido prático, que pode ser substituído facilmente pelo estatístico ou sociólogo ou geólogo. Neste ponto cabe ressaltar que a série "Cadernos de Textos AGB-Niterói" será um baluarte na luta contra a divisão da Geografia em física X humana assim como repudia a divisão professor/geógrafo. Pensamos que a Geografia deve ter um entendimento ecológico das escalas de observação para superar tais dicotomias, compreendendo, por exemplo, a atividade didática da Geografia como tática de organização do espaço e, portanto, como pura Geografia.

Os "Cadernos" que virão trarão sempre subsídios para estas e outras discussões.

Esperando o estímulo dos leitores, chamamos a atenção para o fato de que, sendo a AGB-Niterói uma entidade pobre por representar cidadãos pobres, tem dificuldades financeiras permanentes. Portanto os números seguintes serão impressos e postos em circulação na medida direta da compreensão dos estudiosos da Geografia de Niterói quanto à importância deste empreendimento e a necessidade do fortalecimento de uma AGB auto-gestionária". (Caderno de Textos, AGB-Niterói, 1982,p.I)

O *Caderno de Textos* é a expressão de um projeto de uma AGB inquieta, e de certa forma irreverente, e que afirma seu desejo de construção coletiva e autogestionária.

"Modo de usar: leia, procure um grupo de interessados e discuta o que leu, sem o que pouco valerá. É no diálogo que se constrói. Procure a AGB e publique suas conclusões, pois este caderno não é só de figuras". (Caderno de Textos, AGB-Niterói, 1982,p.III)

O *Boletim Fluminense de Geografia*, editado nos anos de 1990 foi a segunda grande investida da Seção Niterói, no âmbito das publicações. Em 1993, a partir de uma parceria com o Instituto de Geociências da UFF, em comemoração aos seus 25 anos, é lançado o primeiro número. A apresentação desse primeiro número do Boletim foi feita pelo então Diretor do Instituto vem reforçar a importância da AGB- Niterói para o curso de Geografia da UFF.

"A Associação dos Geógrafos Brasileiros -Seção Niterói tem uma relação histórica com o curso de Geografia do Instituto de Geociências da Universidade Federal Fluminense. Essa relação tem propiciado um intercâmbio notável entre o Geociências e a AGB em diversos níveis, desde atendimento a demanda de infraestrutura, até a realização de cursos, palestras e seminários. Tendo em vista, sobretudo, a ampliação do espaço acadêmico e profissional na área de Geografia.

Nesse contexto nasceu a idéia da edição conjunta do BOLETIM FLUMINENSE DE GEOGRAFIA, como mais uma opção de qualidade para a publicação científica em Geografia".(Boletim Fluminense de Geografia nº1,1993,p.1)

Em 1995, foi editado o Boletim Fluminense de Geografia nº 2, que, como o primeiro número, contou com artigos de professores do Curso de Geografia da UFF, de seus ex-alunos, agora também professores, e com contribuições de profissionais de outras instituições de ensino superior.

O *Boletim Fluminense de Geografia* teve como objetivo abrir espaço para a publicação de trabalhos científicos e ser mais um veículo de divulgação da Geografia. O lançamento de seus dois números veio concretizar um trabalho realizado na AGB-Niterói e qualificar a atuação de seus diretores e associados. Serviu ao propósito de se lançar como lenha que quer alimentar a fogueira, carregou em si a energia investida para sua realização e o desejo de inflamar idéias.

A *Revista Fluminense de Geografia* surge em 1996 ocupando o lugar do Boletim Fluminense de Geografia, que teve dois números editados. A Revista é resultado da *1 Semana de Geografia e Arte*, que organizado pela seção Niterói em novembro de 1995, marcou o início desta nova publicação.

"Contra a ciência positiva. Em prol das explicações que privilegiem o sujeito e seus sentimentos. Pela fusão entre ciência e arte. Na tentativa de explicação de um imaginário-real e principalmente, pela necessidade de se resgatar a beleza e o prazer da Geografia". (Revista Fluminense de Geografia nº 1, 1995,p.1)

Ao confirmar seu objetivo de tentar recuperar o prazer de conversar sobre geografia. Juntando gente que vê geografia na arte e arte na geografia, nasce o primeiro número da *Revista Fluminense de Geografia*.

Após um longo tempo de ausência a *Revista Fluminense de Geografia* lança seu segundo número em 1998. Ainda como a primeira, a produção da Revista é bastante artesanal, contando sempre com a colaboração de associados para a diagramação, revisão e reprodução dos originais.

Em 2002 a *Revista Fluminense de Geografia* volta à cena. Agora mais bem articulada e preparada com a participação de profissionais nas diversas etapas necessárias para geração de uma revista. Com Conselhos Editorial e Consultivo constituídos, formato ajustado às normas nacionalmente aceitas e com registro ISSN a Revista dá seu salto de qualidade.

O princípio desta publicação é o mesmo que motivou a empreitada editorial da AGB desde seu início com o *Caderno de Textos*, em 1982 – o de garantir um espaço democrático que pudesse levar para o debate a produção mais comprometida com uma geografia crítica, transformadora e socialmente engajada.

Com o avanço das novas tecnologias e veículos de informação nestas últimas décadas e, especialmente no que se refere à informática, com o advento e o desenvolvimento da *internet*, muita coisa mudou na comunicação entre as pessoas. Na perspectiva de agilizar, e de certa forma, ampliar o acesso à informação dos acontecimentos e atividades que se desenvolvem na Geografia brasileira e na AGB, foi criada em maio de 2000 a página da AGB-Niterói na *Internet*, e que, desde então, encontra-se ativa. Possibilitados pela situação legal da seção, com seu registro no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) como uma entidade civil sem fins lucrativos e com Estatuto próprio que reafirma essa sua característica, foi efetuado o registro do domínio da seção Niterói e de sua página na *Internet* como **org**. Assim a página da AGB-Niterói é acessada através do endereço: www.agbniteroi.org.br

Democratizando a renovação

As publicações da AGB materializam uma parte da produção acadêmica dos seus filiados. Podemos acrescentar a elas as várias atividades – seminários, cursos, debates – que permitiram àqueles pesquisadores combativos apresentarem e debaterem as suas idéias. Na década de 80, sobretudo, muitos dos chamados geógrafos críticos não estavam nos Departamentos de Geografia das Universidades Brasileiras e agravado pela pouca articulação com o mercado

editorial, suas idéias não chegavam facilmente a estudentada e, mais ainda, aos professores. Assim, para muitos, o principal espaço onde faziam circular suas idéias eram as atividades e encontros da AGB. Quantos conheceram a AGB através de uma destas atividades? Quantos orientaram os seus estudos e pesquisas a partir dos problemas e perguntas colocadas por estes geógrafos nestes cursos? Quantos só conseguiram perceber a função e a importância social da geografia e sua capacidade de crítica da sociedade capitalista fora dos Departamentos e dentro das atividades da AGB? Por isso é importante fazer o registro, mesmo que incompleto, da importância das dezenas de cursos e seminários que a AGB-Niterói organizou e fez acontecer.

Projeto político e participação.

Historicamente a AGB-Niterói vem se destacando no cenário nacional da AGB, intervindo diretamente nos debates sobre os rumos da entidade e contribuindo direta ou indiretamente na organização dos encontros nacionais. Os associados responderam com participação e proposição as solicitações colocadas pelas relações que desde 1978 vem se modificando na associação. A intervenção qualitativa das diretorias e associados, foi e é relevante na construção da AGB tanto na seção local quanto no plano nacional. Esta atuação se reflete na contínua participação nas RGCs, onde a seção tem uma importante e marcante contribuição, que vai desde a sua concepção até a participação em praticamente todas as reuniões desde sua criação. Assim, tem-se voltado para a tentativa de construir um campo político de atuação na AGB pautada por um conjunto de princípios na perspectiva de promover o aprimoramento da democracia interna na entidade, a ampliação de sua capacidade de intervenção na realidade do país e de sua relação com outras entidades da sociedade civil.

O primeiro momento dessa relação deu-se ainda como Comissão pró-seção local, quando da organização do IV ENG, realizado no Rio de Janeiro em 1980, que contou com a participação dos estudantes que compunham a Comissão na construção do Encontro.

Se num momento a seção afirma que é possível consolidar uma Diretoria formada por estudantes, em outro seus integrantes oferecem, o que talvez tenha sido a mais significativa contribuição da seção Niterói para a organização da AGB, que foi, sem dúvida, sua inspiração e influência na criação da Reunião de Gestão Coletiva, como aparece nas palavras de Ruy Moreira.

"A Gestão Coletiva (GC) nasceu do impasse político do 4º ENG, em 1980, no Rio de Janeiro. Em si é a expressão do primeiro hiato sério por todos nós percebido entre a nova natureza de nossa entidade saída do Estatuto de 1979 e a realidade institucional e acadêmica da comunidade dos geógrafos. Mas se vem como solução do impasse, é porque já estava contida no processo da renovação.

Havia na UFF (Universidade Federal Fluminense) um grupo de estudantes recém-saídos do trotskismo para o anarquismo, criador da Seção Local de Niterói, que fazia tempo propugnava uma forma autogestionária para a AGB. Estes estudantes cumpriram papel fundamental nos resultados da Assembléia estatutária de julho de 1979 e foram peça chave na preparação do 4º ENG, realizada em tempo Record de março a julho justamente dado a maciça participação estudantil, e, portanto, conheciam a nova entidade em toda extensão.

São eles a origem da idéia da Gestão Coletiva. Quando, portanto, no último dia do ENG tomamos posse da Executiva Nacional da AGB para a gestão 1980-1982, uma solução do impasse de parto desagradável, apenas tiramos do movimento uma proposta que nele já estava posta. Correspondia a uma necessidade coletiva real, e por isto deu certo". (Moreira,1991,p.1)

Os primeiros associados da seção que estiveram presentes, influenciando e sendo influenciados pelos acontecimentos de 1978 e de 1979, que democratizaram a entidade, a influenciaram através de sua proposta auto-gestionária, originada da experiência anarquista de alguns de seus membros, com a formulação da estrutura da Reunião de Gestão Coletiva.

A seção Niterói e seus associados estiveram ao lado da professora Sheila Spada (professora do Departamento de Geografia da UFF e sócia fundadora da seção Niterói), quando esta assumiu a Diretoria Executiva Nacional como Presidente, em Porto Alegre, em 1982, durante o 5º ENG. Duas importantes situações merecem destaque: a primeira refere-se ao fato de uma seção tão recente (lembramos que a seção Niterói foi constituída de fato em 1981) já estar assumindo, através do apoio efetivo à então presidente, a Direção Nacional. Fato que foi facilitado pela experiência que estes sócios traziam, apoiados no movimento Estudantil e na prática política muito rica neste momento no Brasil. Em segundo lugar, e não menos importante, o fato de uma mulher assumir a direção da Associação dominada historicamente por homens.

Nas gestões 1988-1990 e 1990-1992 foi intensamente debatido o caráter "encontrista" da AGB. O cotidiano de funcionamento e de gestão das seções locais era muito marcado pelos Encontros Nacionais. Nos anos em que havia o ENG ou o "Fala Professor", a Seção-Local colocava em dia as anuidades, inscrevia os participantes, organizava a caravana e, no decurso do próprio Encontro, reunia os seus filiados que, naquele momento, pareciam muito envolvidos e confiantes na atuação da AGB em sua vida cotidiana. Nos anos, que não havia Encontro, ocorria, e ainda ocorre, um grande esvaziamento. A AGB até hoje padece deste problema. Naquele momento, com o objetivo de levar adiante e encaminhar as propostas aprovadas nas Plenárias Finais dos Encontros, através uma vida cotidiana mais ativa, buscou-se inserir a Seção Local em fóruns que debatessem e atuassem nas questões que dizem respeito à formação e atuação dos geógrafos. A Seção Local participou do Fórum de Educação de Niterói, de Fóruns de Entidades que debatiam os Planos Diretores de Niterói e Nova Iguaçu, fóruns de meio ambiente e, por fim, por intermédio de contato com a FASE, participou do Fórum Paralelo das ONG's da ECO 92. A expectativa era a de que os filiados sustentassem a discussão da Seção Local nestes fóruns, através da participação nas Comissões de Educação, de Política Urbana, de Meio Ambiente. Embora tenha articulado, por algum tempo, uma boa quantidade de filiados, estas atividades não se prolongaram. Hoje há uma tentativa de se retomar essas articulações através da Comissão de Ensino, que tem, de certa forma, dialogado com os associados e algumas Secretarias de Educação.

Os associados também estiveram ao lado da Direção Local que, em 1992, durante a realização do IX ENG, indicou para Primeira-Secretaria da DEN (biênio 1992-1994), um membro da seção. Importante destacar nesse momento a participação dos associados, que reunidos durante o evento, decidiram que participariam da Direção Nacional através da indicação de um associado e ao mesmo tempo garantiriam, com o apoio necessário durante os dois anos da gestão sua permanência e condições de trabalho.

Outra importante contribuição da seção Niterói, agora em conjunto com a seção Rio de Janeiro, foi a proposta do Espaço de Diálogo como parte integrante dos Encontros da AGB, explicitando uma concepção mais democrática e participativa. A proposta foi apresentada na RGC realizada em dezembro de 1998, em Presidente Prudente, durante a gestão do professor Carlos Walter Porto Gonçalves na presidência da AGB (1998-2000), tendo sido experimentada pelas seções proponentes durante o I Encontro Estadual de Professores de Geografia do Rio de Janeiro. A prática do Espaço de Diálogo que foi assumido pela DEN e colocado em prática no IV Encontro Nacional de Ensino de Geografia - "Fala Professor", realizado em 1999, em Curitiba.

Além de os ED proporem uma maior democratização e participação, se propunham também um debate mais aprofundado das temáticas durante a realização dos trabalhos e criação de um lugar de reflexão. Dessa forma representaram um duro golpe na concepção de apresentações orais livres, em que as pessoas passavam pelas salas nos horários de suas apresentações e depois desapareciam na multidão. Representaram também uma restrição à lógica da indústria dos currículos. Mas acima de tudo significaram a possibilidade de constituição de verdadeiros núcleos de trabalho durante o evento.

Nossa Sede é nossa Sede

A sede da AGB-Niterói foi resultado de muito desejo e luta. Em 1988, com a mudança de endereço do Instituto de Geociências da UFF, a seção finalmente conseguiu um lugar para se instalar. Até então, acontecia com a seção Niterói o que foi ou ainda é realidade para muitas seções no Brasil - à cada momento, um lugar - as vezes dividindo o espaço com outras

entidades, outras vezes na casa de um de seus Diretores. A partir desse dia, a AGB-Niterói passou a contar com uma sala-sede, onde mantém seus arquivos com a sua história e de outras Seções da AGB, realiza venda de publicações e viabiliza atendimento aos associados e demais interessados, constituindo, assim, o principal local de encontro da Geografia em Niterói. Em 2003 a sala da AGB-Niterói foi “reinaugurada” e passou a se chamar *Sala Professora Martha Ramscheid Figueiredo*, uma justa homenagem à professora do curso de Geografia da UFF, que ocupou a Direção do Instituto de Geociências à época da conquista da sede, que foi uma associada de grande participação da seção, tendo sido da Diretoria da Seção Local Niterói em duas oportunidades, e que, infelizmente, faleceu no ano de 2002.

A AGB-Niterói e a AGB-Rio de Janeiro: construção coletiva

A AGB-Niterói sempre se esforçou para não ter na sua relação com o curso de Geografia da UFF uma camisa-de-força. Esse importante vínculo institucional, constituído desde sua origem, foi fundamental para a continuidade da Seção e para o avanço no pensar/fazer geográfico em Niterói. No entanto, o que consideramos como a base geográfica da Seção Niterói, ultrapassa em muito os muros da UFF. A seção Niterói construiu sua importante história tendo como referência programática o estreitamento das relações com os associados, principalmente os professores das redes de ensino fundamental e médio, em vários municípios do Rio de Janeiro, que vão desde os mais próximos, na Região Metropolitana – como Niterói, São Gonçalo e Itaboraí, até os mais distantes de sua sede como Angra dos Reis, Volta Redonda, Araruama e Nova Friburgo. Em todos esses municípios a seção Niterói vem realizando atividades com frequência e sempre contando com a participação dos associados na construção dessas relações.

Ao longo desses seus anos de história recente a AGB elaborou importantes movimentos de intervenção mais ampla. Isso influenciou sobremaneira a relação da seção local com as demais seções e a Diretoria Executiva Nacional.

Na relação com as demais Seções da AGB destaca-se o trabalho que vem sendo realizado em conjunto com a Seção Rio de Janeiro. Parceiras e cúmplices de um projeto que pensa a AGB e suas atitudes numa perspectiva que, valoriza a ação local e dimensiona um projeto de intervenção política mais ampla, de construção nacional de uma associação que se atente para os problemas de atingem a categoria e a sociedade.

As seções estiveram juntas num significativo conjunto de atividades e de lutas. Onde podemos destacar a realização do I Encontro Estadual de Professores de Geografia do Rio de Janeiro, Nova Friburgo/1999; I Encontro Estadual Geógrafos do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/2000; II Encontro Estadual de Professores de Geografia do Rio de Janeiro, Volta Redonda/2001; III Encontro Estadual de Professores de Geografia do Rio de Janeiro, São Gonçalo/2003. Ainda, a organização dos Espaços de Diálogos no IV “Fala Professor”, em 1999 e no XII ENG, em 2000.

No campo das lutas, a parceria Niterói – Rio de Janeiro se efetivou. Dentre esse vasto conjunto que cresce a cada ano podemos destacar:

- a luta contra a discriminação promovida pelo CREA-RJ para com os Geógrafos no tocante a emissão do Registro Profissional. Neste episódio reuniões, documentos e um histórico ato público na porta da sede do CREA-RJ (com direito a passeata, faixas, carro de som e bloqueio da rua), foram algumas das atitudes tomadas pelas seções Niterói e Rio de Janeiro e que contou sempre com a participação do Movimento Estudantil de Geografia do Rio de Janeiro. Vitória dos Geógrafos;

- A participação na Consulta Popular contra a implementação e participação do Brasil na AICA;

- Mobilização contra o Exame Nacional de Cursos (Provão).

O amadurecimento da cumplicidade pela consolidação de um projeto de construção coletiva da AGB, levado a cabo pelas Seções Niterói e Rio de Janeiro e o entendimento da importância de participação efetiva dos associados na construção de cada seção no país, permitiram levar adiante cada um desses projetos de atividade e de luta.

Concluindo...

O parto da AGB-Niterói foi lento, mas como já dizia a experiência - "*vamos devagar pois temos pressa*". A necessidade e importância de termos nossa entidade cada vez mais atuante, fizeram com que sua estrutura orgânica fosse ganhando corpo mais rapidamente. Pouco mais de três anos se passaram... Movimento deu lugar à Comissão, e a Comissão deu lugar à Seção.

"Vimos a Geografia que não queremos, e até entendemos muito dela, mas o principal é esta prática de discussão permanente que faz a consciência da geografia que queremos. **E a AGB Niterói sempre foi isto tudo**" (Boletim Informativo nº 0 – Pró-AGB/Seção Local de Niterói, 1980, p.2)

Vinte e três anos se passaram e a AGB-Niterói, construiu sua história e faz parte da história de cada associado.

Foi uma tarefa difícil definir o momento de terminar de contar a história de uma Seção Local que insiste em continuar nesse intenso movimento de acordar a cada dia para novos desafios, e de adormecer, para assim, acordar na manhã (que também poderia ser noite) seguinte para continuar a fazer e a contar sua própria história. Mas como não poderíamos nos furtar ao combinado, decidimos pelo concluindo... Assim a história da AGB, em todo o Brasil, pode continuar a ser escrita. O convite está feito.

E a história continua...

Bibliografia

BOSI, Alfredo. O Tempo e os Tempos. In: NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 15-35.

MOREIRA, Ruy. A origem da Gestão Coletiva. (mimeo), Niterói, 1991.

SADER, Eder. Quando novos personagens entraram em cena. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SILVA, Armando Corrêa da. A Renovação Geográfica no Brasil - 1976-1983: As Geografias Radical e Crítica numa Perspectiva Teórica. Boletim Paulista de Geografia, n.60. AGB-São Paulo, 1983.

Revistas e Periódicos

Boletim Fluminense de Geografia n.1. Niterói: Associação dos Geógrafos Brasileiros/Seção Niterói, 1993.

Boletim Fluminense de Geografia n.2. Niterói: Associação dos Geógrafos Brasileiros/Seção Niterói, 1995.

Revista Fluminense de Geografia n.1. Niterói: Associação dos Geógrafos Brasileiros/Seção Niterói, 1996.

Revista Fluminense de Geografia n.2. Niterói: Associação dos Geógrafos Brasileiros/Seção Niterói, 1998.

Caderno de Textos. n.1. Niterói: Associação dos Geógrafos Brasileiros/Seção Niterói, 1982.

Documentos

Boletim Informativo nº 0 – Pró-Associação dos Geógrafos Brasileiros/seção local de Niterói, 1980. (mimeog.).

Plataforma da AGB-Niterói. Niterói: Associação dos Geógrafos Brasileiros/Seção Niterói, 1981. (mimeog.).

Atas das Assembléias Gerais Ordinárias da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Niterói – 1981-2002.

Boletins Informativos da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Niterói

Cartazes de Atividades realizadas pela Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Niterói.